

Discurso pela gramática: não se deve aprender latim com os gramáticos

Felipe Augusto Neves Silva*

Depois que o cardeal Carolo Rezzonico transferiu-se para Pádua a fim de assumir o episcopado da cidade, recebeu em mãos a quarta edição de mais de vinte discursos de algum paduano e essa edição iniciava-se com um prefácio dedicado ao novo bispo. Nele, o louvor a Pádua toma forma a partir dos troianos que, liderados por Antenor, teriam fundado uma nova cidade entre os montes Eugêneos, onde havia um lugar muito apto ao desenvolvimento por conta do encontro entre montanhas, rios e mares e, ainda mais, em razão das terras férteis e dos homens incansáveis que ali eram muitos. Depois, exalta-se até mesmo o ar da cidade, cujo benefício buscavam pessoas vindas de muitos lugares para melhorarem sua saúde. Os três séculos do Ginásio também foram lembrados, e não se esqueceu a nobreza do episcopado que teve início com Prosdócimo, seguidor do próprio São Pedro. Em suma, o autor daquele prefácio recolheu todas as honras de Pádua em sua natureza, em sua história, na política, na educação, na religião. Por outro lado, não faltaram autores afirmando que muita glória e muita fama haviam sido concedidas àquela região, àquela cidade, àquela república das letras pelo estudioso que compusera o prefácio à quarta edição de seus discursos e que desfrutava de enorme renome em virtude de seus trabalhos. Estamos nos referindo a Jacopo Facciolati (1682-1769), que não havia nascido em Pádua, mas que, pela fama conseguida na cidade, foi muitas vezes chamado "paduano".

Já disseram que Facciolati foi "a luz da língua latina" (WALCHIUS, 1761, p. 443) e "um dos mais célebres letrados do século XVIII" (VEDOVA, 1832, p. 374) e, ainda, acrescentou-se que dele, assim como "dos grandes homens, até os últimos suspiros são preciosos" (GAMBA, 1824, p. N-1). Ele nasceu no dia 4 de janeiro de 1682, na pequena cidade italiana de Torreglia, não muito longe de Pádua, de uma família humilde e muito pobre. Ali permaneceu até seus doze anos, quando o cardeal Gregório Barbarigo, então bispo paduano, recebeu-o gratuitamente em seu colégio situado nos arredores da cidadezinha de Este. Um ano depois, porém, o jovem Facciolati foi transferido para a escola do Seminário de Pádua, onde estudou latim e grego, dedicou-se à análise dos oradores antigos, ingressou no curso de filosofia e, no ano de 1704, recebeu o título de teólogo — aceito, por unanimidade de seus membros, no Colegiado dos Teólogos do Episcopado de Pádua. Depois da morte de Barbarigo, Facciolati voltou a sua cidade natal, mas dali foi chamado de volta pelo novo bispo de Pádua, Giorgio Cornaro, para que auxiliasse os teólogos catedráticos do Seminário. Em seguida, foi chamado para ensinar filosofia e, finalmente, tornou-se o novo diretor-geral daquela instituição. Com isso, por força do novo encargo, coube a Facciolati presidir as celebrações de inauguração de cada ano acadêmico e fazer os discursos de abertura (ou, como podem ser denominados, discursos inaugurais).

Ele discursou pela primeira vez em 1707, ano em que proferiu o discurso mais tarde intitulado *Iuvenes ad eloquentiam aptiores esse quam senes*; no entanto é o ano de

* Bacharel em Letras com habilitação em Latim, mestrando do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH, pesquisador dos estudos clássicos nos séculos XVII e XVIII e colaborador da Accademia Vivarium Novum.

1711 que nos interessa mais de perto, ocasião em que Facciolati começou a desenvolver seu projeto de dedicar seus discursos, ano após ano, a cada uma das disciplinas que eram comumente ensinadas no Seminário de Pádua: *grammatica* (o ensino de gramática latina necessária para a leitura dos clássicos); *humanitas* (o estudo de determinado cânone de autores latinos considerados exemplares); *rhetorica* (a análise e a imitação dos melhores autores); *philosophia* (a leitura das obras de Aristóteles); *theologia* (o estudo dos princípios e dos dogmas da religião cristã); *sacra scriptura* (a leitura e a análise da Bíblia); *iurisprudentia* (o ensino dos fundamentos do direito civil); *historia* (o ensino da história ocidental europeia); *ethica* (o estudo da ética e da moral); *mathematica* (o ensino de matemática e lógica). Nessa ordem, tais disciplinas foram analisadas, desde 1711, em discursos inaugurais publicados separadamente, a partir de 1713¹, e reunidos pela primeira vez em 1723 na edição *De optimis studiis orationes X*. Do primeiro desses discursos — a *oratio ad Grammaticam* —, apresentamos a presente tradução², antecedida pelo texto original em latim, segundo edição de 1751.

AD GRAMMATICAM ORATIO I

Latina lingua non est ex Grammaticorum libris comparanda.

Quoties ex hoc ornatissimo loco publice dico, ita delector praesentia vestra, et celebritate hac litteratorum hominum tanta, ut satis amplum mihi videar, non unius modo orationis, sed ingentium laborum fructum collegisse. Unum enim dicere, tacentibus omnibus, cum est ubique gloriosum, tum vero ibi maxime, ubi qui audiunt et frequentissimi sint, et rebus omnibus ad subtiliter graviterque judicandum instructissimi. Non tam hercule olim illustre fuit, florente republica, Romae dicere, sive in foro, sive in curia, ubi nullo delectu habito, promiscue omnes subsellia occupabant; quam est hoc tempore, hoc in loco, unde lectissimum quemque ex omni litteratissimae Civitatis ordine circumspicio, Theologos, Philosophos, Medicos, Mathematicos, Jurisperitos, atque horum sane plurimos, qui eloquentiae laudem cum sua quisque arte conjungunt. Videte, quaeso, Auditores, in vestro beneficio quantopere mihi placeam. Ego equidem litterarum splendorem ac dignitatem cum Magistratum imperio et majestate minime comparo: sed tamen cum veteres Romanorum supplicationes, ovationes, triumphos in mentem revoco, plane non tanti facio, ut amplissimae huic mihi que jucundissimae dicendi exercitationi praeponam. Nullus enim hic plebi locus est, nullus femellis, insanae clientium turbae ad plausus et acclamationes plane nullus: sed et viri totius Civitatis principes ad dignitatem, et Patres omnium ordinum gravissimi ad honestatem, et Doctores Collegiorum omnium sapientissimi ad iudicium, et ingenui adolescentes ad gratiam et celebritatem convenerunt: quorum laetae frontes, et secunda admurmuratio dicentem potest mirum in modum erigere, ac beatum prorsus efficere. Verum felicitas haec humanarum omnium, ut mihi quidem videtur, longe maxima, quam est infinitis prope difficultatibus ac periculis circumsepta! Cujus est, bone Deus, tanta ingenii vis ac fecunditas ad res praeclarissimas inveniendas, distribuendas, ornandas, ut ne leviter

¹ Ferrari (1815, p. 118) afirma que a *oratio ad Grammaticam* foi publicada, pela primeira vez, em 1711. Anos antes, porém, Fabronius (1785, p. 123) afirmou que o discurso havia sido proferido em 1711, enquanto Gennari (1818, p. 8) registra que a *oratio ad Grammaticam* foi publicada pela primeira vez em 1713. Por outro lado, na publicação *Giornale de' letterati d'Italia* (1713, p. 384), lê-se que, em 1713, Facciolati havia proferido aquele discurso.

² A paragrafação do texto, inédito em língua portuguesa, que se apresenta a seguir foi feita levando-se em conta convenções da própria língua portuguesa. Ao longo da tradução, aparecem números que indicam a paginação da edição original, de 1723.

quidem ulla in parte deficiat, nusquam incurrat, displiceat nemini? Sunt enim eodem tempore praestanda multa, diversa, ac prope contraria; nec solum laborandum quomodo dicas, sed in primis qua de re dicas: ut si semel in re proponenda alicujus animum offendas, eum deinceps habeas in tota oratione aversum. Est qui nihil velit audire, nisi vetustum; quosdam gratia tantum novitatis conciliat; alii Graecas Latinasque eruditiones postulant; amplificatione alii delectantur: eoque sunt singuli acumine ingenii, quibus ut imponas, nulla arte consequaris. Haec me reputantem, ac saepe antea expertum iussere denique libertatem illam abdicare, quae solet ceteroquin ex hoc suggesto dicentibus concedi omnibus, ut de re qualibet suo quisque arbitrato verba faciant. Quare quem mihi ordinem ipsa studiorum ratio ac natura praescribit, eum in posterum religiose servabo, ut hoc quidem tempore de Grammatica, tum de Humanitate, post de Rhetorica, deinde de Philosophia, postremo de reliquis disciplinis, ut quaeque solet addisci, orationem habeam, et quod de singulis sentio, id quotannis exponam. Ita mihi boni Superi tantum vitae concedant ac virium, ut curriculum hoc primum conficiam, deinde non improspere; libenter tum demum cessurus aliis provinciam, cum laboribus et aetate confectus vel fato fungar, vel in otio honesto conquiescam. Interim de Grammaticis studiis, quibus solet aetas prima occupari, non raro etiam altera, aliquando et postrema, quid mihi videatur, habete; et qua soletis benignitate, diligenter attendite.

Etsi omnes artes ac disciplinas in dies amplificari tam est rei litterariae gloriosum atque utile, quam Reip. augeri opibus et imperio; tamen quod Reip. accidit, ut nimia crescendi libidine non raro decrescat, idem solet in hoc litterarum quasi regno evenire. Nihil ego de Platonicae Philosophiae, nihil de Peripateticae fatis, variaque fortuna disputo, quarum utraque tum demum vel corrui, vel certe plurimum detrimenti cepit, cum impotenti sectatorum studio altissime evecta in praecipiti stetit, ac mole sua laboravit. Unum illud Latinitatis tradendae artificium urgeo, quod Grammaticen communiter appellant: opus suapte natura exiguum ac tenue, sed immodica hominum industria adeo amplificatum, ut volenti omnia percurrere nihil sit nisi Grammaticum tota vita legendum. Conatus hos praestantium virorum, si eo spectant, ut Latini sermonis diligens quaedam historia extet, non solum non reprehendo, sed etiam laudo: sin vero nobis, Latinitatis docendae causa, obtruduntur, longissime abjicio, nulliusque esse momenti, nullius utilitatis contendo. Prima enim illa Guarini Veronensis rudimenta ut corrigerent, et illustrarent, boni praeceptores depravarunt; eoque res demum deducta est, ut qui velit Latine scire, hunc sibi a Grammaticorum insidiis cavere maxime oporteat. Quod ut evincam, cum mihi necesse sit de Grammaticorum tricis, antinomiis, ambagibus aliquanto disputare liberius, quaeso vos, Auditores, ne me honestissimo generi hominum infensum putetis, qui et natura ipsa ad benevolentiam comparatus, omnem invidiae suspicionem diligentissime fugio, et pro suscepto vitae instituto eorum in primis amore delector, qui de litteris benemeriti pro virili parte conantur. Sunt enim eorum lucubrationes etsi ad recte loquendum non necessariae, tamen ad cognoscendum non illiberales: neque ego (ita me Dii ament) industriam hanc magna cum eruditione conjunctam contemno, sed parum admodum Latinae locutioni inservire defendo. Et sane ubi puer singulas nominum, ac verborum declinationes memoriae mandavit, paucasque illas in universum regulas probe tenet, quibus tamquam cardinibus tota vertitur Latina lingua, quid est, cur statim non ad Classicum Scriptorem ducatur, quem sine intermissione verset, memoriae tradat, habeatque veluti unum ex familia, quicum magistri ope et auxilio familiarissime loquatur ac vivat? Cum enim ille potissimum diei partem in scholis traducat, quid in causa esse dicamus, ut perpetua rerum Latinarum tractatione Latine tamen minime discat, domi vero minore multo exercitatione, minusque accurata a parentibus, a nutricibus, a vernis domesticam linguam assequatur? Ego certe ita mihi persuadeo, tenellos angustosque puerorum animos immensa illa

regularum, appendicum, scholiorum farragine terreri, atque opprimi, ut ne respirare quidem possint, nedum se explicare, Latineque interrogando, ac respondendo naviter audere. Quemadmodum enim subitarius miles si in confertissimam hostium aciem statim compellatur, periculi magnitudine, atque insolentia despondet animum, sui prorsus oblitus ne gladium quidem dstringit; ita litterariae palaestrae tirunculi ingentes Grammaticorum commentationes aggredi jussi, cogitatione ipsa difficultatis, ac laboris exanimantur, spemque omnem evadendi statim abjiciunt. Hinc scholae taedium, hinc quaesiti saepe morbi, hinc impatiens vacationum desiderium, hinc denique commenta illa callidissime excogitata ad otium et ignaviam, si fieri potest, impune fovendam. Haec ego si probem, ad nuces profecto redire videar, et pueris similia facere: sed tamen quotiens animo colligo exsucca illa, frugisque omnis ac delectationis expertia Grammaticorum praecepta, quibus tot annos impallescere vivida ingenia coguntur, quadam quasi miseratione commoveor, justoque dolori libentissime parco. Quotus enim quisque vestrum (juvat praeterita repetere, et memoriam pueritiae renovare ultimam) ita fuit ad omnes litterarum labores recte compositus, ut ante coeperit aequo animo frequentare scholas, ac domestico carere otio, quam positus Grammaticis, Latinos Scriptores tractaret, eorumque lectione, et imitatione Latine aliquid conaretur? Ego sane, ut de me dicam, obruebar infinita illa atque implicatissima regularum strue; nec pluribus votis adversa tempestate jactati nautae portum desiderant, quam ego, inde me ut expedirem, et improbi laboris terminum aliquando contingerem, Deorum hominumque opem implorabam. Ut autem ad amoeniora paullo transivi, coepique ex oratoribus, ac poetis delibare aliquid, tum vero quasi in novum orbem repente translatus tanto animi ardore Latinae linguae studium arripui, ut ludorum ac vacationis oblitus, magno etiam saepe cum valetudinis incommodo libris diu noctuque inhaererem. Quod si ardentissimae illi proficiendi voluntati aliquando respondisset ingenium, ut certe (magno cum dolore dico) numquam respondit; nec vos hoc tempore plebejo dicendi genere molestissime detinerem, nec ullus esset hac aetate Latinus Orator, cui de orationis nitore, numero, perspicuitate ullo pacto concederem. Nunc vero in magna virium infirmitate si quid valeo, qui valeo sane minimum, totum Ciceroni, Terentio, Livio, Caesari, Virgilio, Horatio, ceterisque ejus aetatis Scriptoribus elegantissimis debeo. Nihil a me repetundarum iure postulet Priscianus, nihil Donatus vindicet, nihil Valla, nihil Sanctius, nihil ille ipse, deliciae quondam nostrae, Emanuel Alvarus, quos omnes una cum crepundiis vel abjeci, vel deposui; nec ex eo umquam in manus sumsi, nisi per hosce dies, ut huic Orationi materiam compararem. Excidere jamdiu animo eorum monita, excidere leges, nihilque mihi potest ad stilum retardandum contingere infestius, quam tristis quaedam eorum recordatio ac metus, unde solent arida omnia, sicca, exanguia proficisci. Quid enim est aliud Grammatice loqui, quam omnino Latine non loqui, si credimus Praeceptorum maximo Quintiliano? Nam ut omnia Grammatici vere dicant, utrum aliud efficiunt, nisi ut sine barbarismis, sine soloecismis sit oratio? In quo si tota laus consistit Latinitatis, jam ne ipse quidem Cicero Latinus est, cujus libri si ad Grammaticorum cavillationes exigantur, soloecismis non carent. Neque vero id ignorant, sed quae in aliis magnopere damnant, haec in Cicerone, mutato nomine, figuras appellant, et veluti lumina variandae orationi accommodata valde commendant. Nituntur enim omnes Latinum sermonem certis complecti legibus, quibus deinde contraria multa apud Latinos Auctores cum inveniant, ad schemata, metaplasmos, antiptoses, archaismos, hellenismos, et id genus alia magnifica figurarum nomina confugiunt, quorum ope non quidem eorum famam tueantur, qui sine piaculo reprehendi non possunt, sed nobis illudant, ne Grammatica praecepta cum illis ipsis pugnare Scriptoribus, unde sumuntur, intellegamus. Fuit olim Latina lingua, quemadmodum ceterae, juris plane sui, ex colluvione multarum gentium Romae nata, populari convictu,

communique rerum tractatione aucta, denique usu ipso, et forte quadam inveniendi, ligandique verba, non ratione et consilio ad hanc copiam propagata, numerisque suis absoluta. Hanc proinde praeceptis coercere totam, perinde est, ac de scientia, non de lingua disputare: quod Varro ipse, analogiae ceteroquin exactor molestissimus, aliquando cum didicisset, nullam esse observationem similium docuit, et in omnibus paene verbis unam consuetudinem dominari. Id vero quam mirum videri debuit Alvaro nostro, qui de sola nominum, verborum, ac participiorum constructione quingentas ferme regulas non sine multis praeterea observationibus concinnavit! Fuit ille certe magno ingenio, magna industria, magna Latini sermonis peritia, cui ego de re tota libenter concedam, si suas regulas non dicam omnes, non plurimas, non aliquas, sed principem illam, ac ceterarum caput de verbo *Amo* adversus irruentem undique inimicorum impetum defendat, sartamque tectam ab omni detrimento conservet. Quid enim primum decernis, Emanuel, de verbo *Amo*? Num esse activum, et inter activa familiam ducere? At Ausonius ad neutra rejecit: *Ut apud Deum fieri amat*. Quid tum? Num esse primi ordinis, nec alium postulare casum, nisi quartum? At est qui secundi faciat, eique genitivum apponat: *Nolo Thaidem amare tanti*. Quid postea? Visne esse primi, et secundi? At Cicero ad quartum refert: *Si quicumque me amas*. Quid deinde? Esse etiam quarti? At idem in sextum conjicit: *De raudusculo multum te amo*. Pro pudor! Ejus rei artem efficimus ac venditamus, cujus fundamenta prima tam facile corruunt. Novi equidem, et qui analogiam summa ope defenderent, ab ipsa florentis Romae aetate fuisse nonnullos: sed nemo tamen cum hac nostrorum Grammaticorum turba comparandus, qui ut nihil intentatum relinquunt, ab ipso mundi exordio, et vetustissima Hebraeorum lingua Romanarum vocum causas, similitudinem, et originem petunt, petituri altius vel ab Arcadibus, si Arcades, quod Poetae eorum jactare consueverunt, ante lunam orti fuissent. Nihil novi affero apud eos, quibus est aliquis cum Martino, cum Becmanno, cum Vossio usus. Cum his autem? Imo etiam cum viris nostrae hujus aetatis praestantissimis, qui abrepti saeculi more, gravissimum certamen de voculae nescio cujus origine nuper instituerunt, multasque ac reconditas eruditiones ex Hebraeis codicibus, ex Syriacis, ex Arabicis, ex Graecis ductas in tam leve negotium contulerunt. Quod si, quam sunt ingeniosi ad haec excogitanda, tam essent unanimes in tradendis, fortasse nos aliquando fefellissent. Verum hoc percommode cadit, quod sibi invicem de rebus omnibus bella movent, seque mutuis vulneribus conficiunt: quod ipsum argumento est, nihil huic arti inesse certi, quae homines procaces efficit, et novarum rerum nimio plus amatores. In ipso enim statim Grammaticae limine nonne de partibus orationis principes in hac arte viri acerbissime pugnant? Quodque ridiculum est, gravissimos totius antiquitatis Scriptores Aristotelem, Platonem, Plutarchum, D. Augustinum pro se quisque stare jubent? Perge porro. De pronominum causa, numero, ac natura quam dubia, quam varia, quam sibi contraria decernunt Varro, Probus, Priscianus, Donatus, Quintilianus? Hi autem ipsi inter se cum casibus nomina ab officio fuisse indita consentiant, nonne Scaliger tamen negat? Valla castigat Priscianum, quod *ficum* morbum quartae declinationis fecerit: rursus in Vallam arma movet Petrus Ramus, quod *ficum* fructum masculino genere extulerit. Scaligero commune genus pessime a Graecis ἐπίκοινον, optime a Latinis *promiscuum* appellari videtur: Sanctius Latinos damnat, Graecos absolvit. Impersonalia dicit Alvarus *decet*, *paenitet*, *pluit*, et similia: nulla esse impersonalia, testatus Deos hominesque, Scioppius affirmat. Si quis verborum modos statuatur esse quatuor, ecce tibi qui quinque, qui sex, qui octo, qui multo plures inducit. Est qui probet *gerundia*, ac *supina*: non deest, qui pura puta Grammaticorum deliramenta dicat. Alii verbis in *or* Praeterita tribuunt, alii adimunt. Quibusdam placent verba Neutra, ac Deponentia, quidam toto Latio exulare jubent. Denique in tanta Scriptorum multitudine neminem unum invenias, qui malit aliorum

vestigiis insistere, quam nova comminisci, ceterosque omnes allatrare. Nolo vos, Auditores, per singulas partes ducere, omnesque de Orthographia, de Prosodia, de Etymologia, de Syntaxi controversias hoc loco explicare, ne gravissimo officio, ne tempore, ne patientia vestra nimium abuti videar. Percurrite, si vacat, quae solent homines libellorum suorum initio longissime praefari, ubi ceteris, qui ante se de re Grammatica scripsere, diem dicunt, eorum lucubrationes mendosas, nugaces, sordidas, cloacinas (sit verbo Scioppiano venia) audacissime appellant, seque ex Deorum immortalium sede quasi delapsos, allaturos optima pollicentur. Cumque singuli et universi eadem recinant, quo se vertant miseri adolescentes? Cui se tanquam duci tradant germana Latinitate instituendos? Num quid Varroni? At litterarum porcus dicitur a Palaemone. Num Prisciano? At Graecum hominem Latinae linguae fucum fecisse existimat Alvarus. Num Vallae? At ejus *Elegantias* Ramirezius de Prado inelegantes appellat. Num Donato, num Probo, num Servio, num Charisio? At hos omnes passim labi, et monstra effutire contendit Scioppius. Num denique Scioppio ipsi? At miserabilis litterator dicitur ab Hornio, vir desultoriae levitatis a Labbeo, canis Grammaticus a Lambecio. Indignamini ad haec, Auditores: sed artis, mihi credite, seu vitio, seu fato quodam fieri solet, ut nec sua quisquam afferre possit, nisi carpat aliena, nec aliena carpere, nisi modum excedat. Quam indecorae, quam pudendae, quam prope insanae fuere contentiones illae Poggii cum Valla, Politiani cum Merula, Scaligeri cum Erasmo de rebus his minutissimis, quasi de aris et focus! Quam illa ridicula Francisci Philelphi cum Timotheo quodam Graeco, qui de vi syllabae pugnaturi, ea lege in aciem ex composito descenderunt, ut victus barba multaretur! O magnas nugas magno conatu actas! O vos miseros quicumque his tanquam ex tripode de Latinae linguae ratione responsa petitis! Quos aestus, quas tenebras vobis offundent Grammaticae illae Philosophicae, Minervae, Aristarchi, Mercurii, Thesauri, in quibus ad criticam eruditionem multa quidem sunt acute ac subtiliter excogitata, ad locutionis vero Latinae usum propemodum nihil. Est illustre quiddam Latinus sermo, ingenuum, perspicuum, tricis et ambagibus carens, quod nemo unquam ex his hominibus pugnacissimis consecutus est: nec vero intelligo, scriptis suis quo pacto fidem concilient, quibus ipsi, quae praecipiant, praestare non possunt. Polycletum accepimus statuarum artificem totius Graeciae peritissimum non ante celebrem illum recte fingendi Canona in lucem edidisse, quam publice proposita statua, velut artis exemplo, suas ipse regulas egregie praestando confirmasset. Ita se mihi Grammatici probent: tum vero fatebor non invitus, Latine loquendi facultatem eorum praeeptionibus tanquam canone probandam esse. Sed profecto quod Carneades apud Ciceronem ajebat, oratoriae artis scriptorem ne mediocriter quidem disertum fuisse ullum, idem de Grammaticis affirmare licet, neminem adhuc artem, quam traderet, Latine loquendi ne mediocriter quidem calluisse. Non est hujus temporis, aut loci, multo vero minus mearum virium, singulorum vitia commemorare: verumtamen, ne quid gratis ad invidiam afferre videar, prodeant in medium hinc Terentius Varro veterum Grammaticorum, hinc Julius Scaliger nostrorum sine controversia princeps, quorum alter aurea aetate Deorum beneficio natus, Ciceronis aequalis et amicus, ita tamen scripsit, ut cum Livio Andronico Romanae linguae incunabulis exceptus videatur: alter vero Josepho filio communi omnium consensu primas cedit; illi inquam Josepho, cujus peregrinitates, barbarismos, soloecismos nec unos, nec leves Scioppius collegit, et in suo *De stilo historico* libro posteritati mandavit. Tametsi Latinae linguae laudem (ut ante dixi) neque totam, neque praecipuam in soloecismis vitandis collocari puto, quod est emendate loqui; sed in ipsa potius plena ac tereti compositione verborum, in colore, et quodam habitu, ut nihil claudicet, nihil diffluat, nihil fluctuet, sed tota permista et temperata numeris, aequabiliter constanterque feratur oratio, quod unum est, si recte sentio, Latine loqui. Numerosa

haec et concinna verborum comprehensio nulla definiri arte potest, nullis Grammaticorum praeceptis concludi; cujus vel maximum vitium est, si de industria quaesita ad certas leges operose exigatur. In auribus est singulorum tota, et ad aurium sensum judicanda: quod fortasse olim praestare non fuit valde difficile audientibus, ac loquentibus nihil nisi Latine; at vero his temporibus, nisi quis se totum veteribus scriptis dedat, et in eorum lectione, et imitatione dies noctesque versetur, nec tolerabile quippiam Latine conabitur, nec nisi insipienter judicabit. Hinc fatuae passim orationes, in quibus tam est perspicuus Grammaticus labor, ut omnia macra sint, meticulosa, hiulca, sine numero, sine veneribus, sine gratiis; quae tamen auditori misero laudandae sunt, quod nequeat barbarismos et soloecismos ex Grammaticorum regulis designare. O te dementem, M. Tulli, qui cum Varronis de re Grammatica libros haberes, linguae tamen nitorem ex perpetua Catonis, Plauti, atque in primis Terentii lectione hauriendum tibi existimabas. Te levem, Demosthenes, qui Thucydidis historias cum saepe legisses, octies insuper descripsisti. Tantumne tibi a foro, et a curia supererat otii, ut non te potius Grammatico homini traderes, unde Atticam illam sermonis elegantiam ocyus arriperes? Itane igitur, Auditores? Ne vivam, si quis ex nostris, qui se Tullianos profitentur, unam Tullii orationem aut semel in vita descripsit, aut octies lectitavit. Vel igitur Cicero, in quo esset Latini sermonis ratio, Demosthenes, in quo Graeci, non satis intelligebant; vel nos in Grammatico ludo, aliud agentes, quam oporteat, frustra laboramus. Valeant Prisciani, valeant Servii, valeant Donati, eosque consulamus eatenus, ut ab aliquo Pomponio Marcello de soloecismo postulati respondere possimus. Ergo (ut extremum aliquid habeat oratio mea, quo tota hujus generis ratio concludatur) traditus mihi ad institutionem adolescens norit linguam esse quandam, quae Latina dicatur, Italicae parentem, eique magna parte similem. Hujus sciat esse nomina, esse verba, nominumque ac verborum Ordines certis obstringi legibus, quae sint memoriter ante omnia discendae: Summa Constructionis capita altissime infigat animo, calleatque probe velut ungues digitosque suos: In Prosodia versetur aliquanto magis, quod ratio condendi carminis certior est, magisque definita, quam condendae orationis: Denique paucis praeterea ex Etymologia, et Orthographia delibatis, Grammaticos longissime ableget, sibique valde persuadeat, non Latinum sermonem ex Grammatica, sed Grammaticam ex Latino sermone natam esse. Quid ita? Nimirum ut aquas ex ipso fonte hauriat, hoc est Latinos Scriptores legendi scribendique exercitatione nunquam intermissa in succum et sanguinem suum convertat; unde ille existit orationis ambitus ac nitida circumscriptio, quae supra Grammaticorum vires posita, auribus longa disciplina exercitatis judicari potest, verbis explicari non potest. Id unum in hac palaestra arduum est ac difficile, quod et liberale ingenium postulat, et morum conformationem quandam ingenio similem, et illam extremo loco diligentiam, quae sola in hac arte minimum valet, ceteris tamen adjuncta naturae praesidiis, Tullianum illud dicendi genus efficere potest, quod tantopere commendatur. Hoc scilicet ab hominibus non tam miti sidere natis, aut excultis frustra requirimus, qui, ut carmina edant saepe optima, orationem tamen, cujus non est, nisi aurium sensu definitus modus ac numerus, ostendent fortasse nullam, quae Latina dici possit. Vos igitur, adolescentes, quibus in Italia natis atque altis illud insuper accedit, quod in Italiae parte nobilissima, et ad animi cultum opportunissima erudimini, pergite strenue in hoc curriculo, ut majorum vestrorum laudem retineatis. De bellica Italarum virtute nihil sane ausim pronunciare: sed litteras quidem certe non amisimus. Commigrant ad nos quotidie callidi homines pecunia instructissimi, et praeclaram illam Musarum supellectilem, optima volumina nobis abripiunt: artes etiam ac disciplinas paullatim abducturi alio, nisi studio ac diligentia resistitis. Vestrum est communis patriae famam ac splendorem ex tanto periculo eripere, vestrum luctuosam calamitatem ab hoc solo, a nobis, a vobis ipsis prohibere; ut omnes

intelligent Romanum imperium Italis auferri potuisse, Romanas litteras non posse. In vos coniecere oculos, vos hortantur atque impellunt parentes pro Familiae honestate, cives pro Reip. gloria, magistri pro Scholae fama, sed in primis Antistes Eminentissimus pro Religionis caussa, quae cum litterarum caussa conjunctissima est.

AD LECTOREM

Orationem hanc cum haberem, non defuerunt, qui crederent, me nova moliri, ac de Grammaticis studiis hoc in loco mutandis cogitare. Id me coegit Orationem ipsam typis committere, totamque consilii mei rationem et causam patefacere. Nec igitur is ego sum, ut tantum possim; nec si maxime possem, rerum nostrarum conditio quippiam de veteri instituto mutari pateretur. Pueri enim fere omnes, qui huc accedunt, Grammaticen attigerunt; nec juvat curriculi partem emensos rursus ad carceres, nova proposita methodo, revocare. Praeterquam quod nihil unquam tanti erit, ut me ab ea docendi consuetudine avocet, quam diligentissimi Societatis Patres ubique tenent, Emanuele Alvaro duce. Cum enim acutissimo ingenio Viri juventutis recte instituendae vias omnes ac rationes scrutati, unam denique illam invenerint, quam Italia omnis amplexa est, quid nos in tanta virium imbecillitate novi conemur? Satis erit, si ductores sapientissimos, quantum labore et solertia possumus, prope sequamur; desperantes post tot tantosque conatus inveniri posse meliora. Quid igitur, inquis, in oratione isthac tua de Grammaticis blateras? Ego vero nihil dixi, nisi exercendi stili gratia: in quo si quid peccatum est, cur non illi peccarunt, qui injustitiam, qui muscam, qui quartanam, qui asinum laudaverunt? Non est sane idem in civili hominum convictu reprehendere aliquid, et laudare; in Academicis exercitationibus est prorsus idem. Quod si cui forte aliud agens persuasi, aut persuasisse videor, Latinam linguam non ex infinitis Grammaticorum praeceptis, sed ex veterum librorum lectione et imitatione comparandam esse, nolo ego illum tanquam in media arena destituere. Itaque ejus caussa Commentariolum de Latinis scriptoribus Orationi adjungo, ut qui sint ad legendum et imitandum probatissimi, ex singulorum classibus facile intelligat. Duae porro cum sint divisiones celeberrimae, quarum una a quadruplici hominis aetate, altera a metallorum gradibus peti solet, nolui tibi omnes Grammaticorum pugnas de illis narrando, immensae lectionis taedium afferre; sed quod optimum duxi, in prima fere Andream Borrichium, in secunda Olaum, viros clarissimos secutus sum. Utrum vero aliquid praestiterim, praeter describendi patientiam, malo te ipsum judicare. Verum cui haec? Non illis certe, qui librorum Prooemia cum legerint, satis habent; magnoque supercilio in triviis, et compitis de re tota disceptant: sed unis illis, qui et patienter legunt, et sapienter judicant, et humaniter monent. Horum aliquem si nactus fuero, de graculorum vocibus non laborabo. Vale

[1] Todas as vezes que discurso publicamente desta tão distinta posição, de tal forma agradam-me sua presença e tamanha afluência de homens cultos, que sinto ter conseguido uma recompensa bastante grande não apenas por um discurso, mas por uma infinidade de trabalhos. Com efeito, uma única pessoa discursar para qualquer assembleia diante do silêncio geral [2] já é glorioso, e sobretudo quando estão os ouvintes reunidos em grande número e preparadíssimos para apreciarem com perspicácia e seriedade. Por Hércules que, outrora, quando vigorava a República, discursar em Roma, fosse no fórum ou na Cúria, onde todos, sem qualquer seleção, tomavam assento indistintamente, não era tão ilustre quanto o é agora, neste local, de onde contemplo os mais distintos de cada ordem desta eruditíssima Cidade: teólogos,

filósofos, médicos, matemáticos, jurisperitos e, seguramente, um sem-número daqueles que atrelam à sua especialidade o mérito da eloquência.

Vejam, senhores ouvintes, quanto me avivo no reconhecimento que vocês atribuem a mim! É evidente que não estou comparando o esplendor e a dignidade da cultura com o poder e a grandeza dos magistrados; no entanto, quando rememoro os antigos cultos dos romanos, suas ovações, seus triunfos, certamente não os aprecio tanto a ponto de considerá-los mais importantes que esta magnífica prática da oratória, tão agradável para mim. Aqui, não há lugar para a plebe, nem para mulheres, nem mesmo para uma insana turba de clientes que aplaudam e gritem; aqui, reuniram-se os soberanos de toda a província por sua dignidade, os importantíssimos patrícios de todas as ordens por sua reputação, os sapientíssimos doutores de todos os colégios por seu discernimento e nobres adolescentes pelo reconhecimento e pela solenidade. Seus rostos contentes e seu murmúrio favorável [3] podem, dum modo assombroso, exaltar o orador e enchê-lo de alegria. Como, porém, esta felicidade proporcionada pela erudição — a maior de todas, pelo menos me parece — está cercada por dificuldades e perigos quase infinitos! Quem possui, meu Deus, tanto vigor intelectual e exuberância para inventar, dispor e ornamentar³ argumentos brilhantes, que, mesmo ligeiramente, nunca falhe em algum ponto, comprometa-se em alguma parte, desagrade a alguém? É que, ao mesmo tempo, devem-se cumprir muitos papéis, diversos e praticamente contrários⁴. Além disso, convém elaborar não só como dizer, mas, principalmente, sobre o que dizer; assim, se você ofende alguém na proposição do assunto, depois o faz indisposto por todo o discurso. Há quem não queira ouvir nada senão arcaico; a alguns apenas o encanto da novidade cativa; uns reclamam os saberes gregos e romanos; outros se deleitam com a amplificação: cada um é de tal agudeza, que você não conseguirá enganá-los por nenhum artifício. A mim, que refletia sobre essa situação e já a experimentara muitas vezes, mandaram preterir aquela liberdade, que costuma ser concedida ademais a quem discursa nesta tribuna, de falar, à vontade, sobre qualquer assunto.

De agora em diante, portanto, respeitarei religiosamente a ordem fixada pela própria natureza do currículo de estudos, fazendo um discurso, agora, sobre a gramática, depois, sobre a literatura, então, sobre a retórica e, enfim, sobre as outras disciplinas [4] que se ensinam comumente, e expondo, todos os anos, o que penso acerca de cada uma delas. Assim, concedam-me os bons deuses supremos tão longa vida e tanto vigor, para que, só depois de ter completado esta carreira não sem sucesso, já passando de bom grado a atribuição às mãos de outros, cansado pela idade e pelo trabalho, cumpra meu destino ou descanse em virtuoso ócio. Por enquanto, fiquem com minha opinião a respeito dos estudos de gramática, dos quais ordinariamente se ocupa a infância, ocasionalmente a juventude também e, por vezes, até a idade adulta. Então, com a costumeira benevolência, prestem muita atenção.

Muito embora seja tão louvável e proveitoso para as letras que se ampliem as ciências e os conhecimentos, quanto o é para o Estado que cresça em riquezas e poder, assim como a este acontece de enfraquecer com o demasiado desejo de crescimento, o mesmo costuma ocorrer em nosso reino, por assim dizer, da erudição⁵. Não disserto

³ Com isso, Facciolati alude a partes tradicionais da retórica: *inventio*, a escolha das ideias que serão exploradas num discurso e dos argumentos que serão empregados para defendê-las; *dispositio*, a determinação da ordem em que argumentos e exemplos deverão aparecer ao longo do texto; *elocutio*, a ornamentação do discurso tanto em relação ao tom da linguagem, quanto em relação ao ritmo dos períodos.

⁴ Alusão a Cic. *de Orat.* I, 16-18.

⁵ Alusão a Cic. *Tusc.* II, 5.

sobre o destino e a variada fortuna que tiveram a filosofia platônica e a filosofia peripatética: uma e outra, se não foram de fato arruinadas, certamente sofreram um enorme prejuízo, depois que, elevadas a seu ápice pela imoderada dedicação de seus seguidores, ficaram à beira do precipício e padeceram da própria grandeza. Insisto unicamente na arte de se ensinar latim — que nos habituamos a chamar de Gramática —, um trabalho simples, de natureza módica⁶, mas a tal ponto ampliado pelo descomedido zelo humano, que alguém, desejando explorar toda a literatura, deva ler sua vida inteira nada além da gramática⁷. Quanto às tentativas desses eminentes [5] homens, caso tenham em vista estabelecer uma cuidadosa história da língua latina, não só não as condeno, mas inclusive exalto. Se, todavia, são-nos trazidas para aprendermos latim, lanço-as para bem longe e afirmo serem sem importância alguma, de nenhuma utilidade. Com efeito, a fim de melhorarem e explicarem aquelas noções iniciais de Guarino de Verona⁸, bons professores perverteram-nas, e a situação chegou, então, ao ponto em que é preciso, para quem quiser aprender latim, proteger-se o máximo possível das armadilhas dos gramáticos.

Para alcançar esse objetivo, tendo de dissertar um pouco mais livremente sobre as intrigas e as ambiguidades dos gramáticos, peço que vocês, senhores ouvintes, não me julguem hostil a esse tão distinto grupo de homens, pois, naturalmente disposto à benevolência, fujo a qualquer suspeita de rivalidade com o máximo de escrúpulo e, por conta do projeto de vida que assumi, apraz-me antes de tudo a amizade de quem tenta com suas próprias forças servir bem às letras. De fato, embora suas lucubrações não sejam necessárias para falarmos latim corretamente, não são desprezíveis para conhecê-lo, e eu — valham-me os deuses! — não tenho em pouca conta este zelo, unido a grande conhecimento, mas digo que serve realmente pouco à prática de falar latim. Além disso, assim que a criança decorou todas as declinações e todas as conjugações e conheceu muito bem aquelas poucas regras gerais que são praticamente o eixo em torno do qual se articula toda a língua latina, que causa há [6] para não ser imediatamente apresentada a um escritor clássico, que continuamente leia, guarde na memória, considere como a um parente, com quem converse e viva na mais absoluta intimidade, apoiando-a e auxiliando-a seu professor? Se ela passa a parte mais importante do dia na escola, que razão alegaremos para ela não aprender latim, embora estude continuamente tudo sobre os romanos, enquanto, em casa, aprende seu idioma vernáculo com uma prática menor e menos cuidada pelos pais, pelas amas e pelos empregados?⁹ De minha parte, estou convencido de que, frágil e acanhada, a inteligência das crianças, com esta macedônia de regras, apêndices, comentários, aterroriza-se e acabrunha-se tanto, que não consegue sequer respirar ou, menos ainda, explicar-se e ousar, por conta própria, perguntar ou responder em latim. Com efeito, assim como um soldado convocado às pressas,

⁶ A ideia de que não era preciso demorar-se muito no estudo da gramática do latim era difundida desde muito cedo entre os humanistas. Em 1594, por exemplo, Johannes Posselius afirmava que o professor cuidadoso não deveria levar mais que seis meses para ensinar toda a gramática da língua: "[...] industrius praeceptor sex mensium spatio eam [grammaticam Latinam] facile absolvere possit [...]. Pueri non nimis diu in discendis praeceptis grammaticis detinendi sunt." (POSSELIUS, 1671, p. 110). No mesmo sentido, Vóssio, em *De studiorum ratione opuscula*, de 1651, acreditava que os preceitos gramaticais poderiam ser compreendidos em poucas páginas: "Mox hauriet [discipulus] praecepta artis grammaticae, quae adeo sunt pauca, ut pagellis viginti liceat complecti." (CRENIUS, 1792, p. 700).

⁷ Ludovico Vives, em tratado publicado em 1551, defendia o mesmo ponto de vista que Facciolati.

⁸ Guarino nasceu na cidade de Verona em 1374 e morreu na cidade de Ferrara em 1460. Um dos livros pelos quais o autor ficou bastante conhecido era o intitulado *Guarini Veronensis viri peritissimi grammaticales regulae*, a que Facciolati, muito provavelmente, refere-se nessa passagem.

⁹ Assim, Facciolati parece dialogar com Muretus (1871, pp. 181-182) e Vives (1551, pp. 125-126), que se referiam ao uso "vivo" do latim nas escolas.

impelido a uma densíssima frente inimiga, perde a coragem e, inteiramente esquecido de si mesmo, mal lança um dardo, do mesmo modo os jovens recrutados da palestra das letras, obrigados a atacar os grossos tratados dos gramáticos, prostram-se ao mero pensamento da dificuldade e da fadiga, perdendo imediatamente qualquer esperança de se salvarem. Daí o tédio da escola, daí a frequente procura de doenças, daí a impaciente saudade das férias, daí os planos astuciosamente pensados para favorecer, se possível, impunemente, o ócio e a preguiça! Quanto a mim, se aprovar tais atitudes, seguramente [7] parecerei voltar aos cueiros e ter um comportamento pueril; entretanto, toda vez que passo em resenha as sequiosas lições dos gramáticos, desprovidas de qualquer fruto ou deleite, com as quais são obrigados a empalidecer brilhantes engenhos, sou tomado por certa piedade e, sem objeção, respeito minha legítima dor. Pois quantos de vocês — é agradável relembrar o passado e reviver as mais remotas memórias da infância — foram tão convenientemente instruídos para todas as fadigas das letras, que, esperançosos, começaram a frequentar as aulas e sentir falta da paz de casa antes de, abandonadas as gramáticas, examinarem os escritores latinos e fazerem alguma tentativa em latim com sua leitura e imitação? E, para falar de mim, eu ficava realmente soterrado naquele monte infinito e embaraçado de regras e nem os marinheiros, quando atormentados por uma terrível tempestade, suplicam mais um porto do que eu implorava o poder dos deuses e dos homens para me livrar daquilo e, enfim, alcançar o término daquela empreitada cruel. Só, porém, quando passei às matérias um pouco mais agradáveis e comecei a sentir o gosto dos oradores e dos poetas, como que subitamente transportado a um novo mundo, senti um apreço tão ardoroso pela língua latina, que, esquecendo-me dos divertimentos e das férias, debruçei-me noite e dia sobre os livros, às vezes, até mesmo com transtornos de saúde. E, se meu engenho tivesse algum dia correspondido àquela ardentíssima vontade de ir adiante, como seguramente nunca correspondeu — digo-o com grande pesar! —, [8] por um lado, agora não desagradaria tanto vocês com esta elocução ordinária; por outro, nenhum orador latino haveria em nossa época a quem cedesse lugar pela elegância, cadência ou clareza. Ao contrário, se há o que se sobressaia nesta minha tremenda falta de vigor — e, com certeza, praticamente não tenho forças! —, devo tudo a Cícero, Terêncio, Lívio, César, Virgílio, Horácio e outros elegantíssimos escritores daqueles tempos. De concussão, não me acusaria com justiça Prisciano¹⁰, nada poderia reivindicar Donato¹¹, nem Valla¹², nem Sánchez¹³, nem o ilustre Manuel Álvares¹⁴ (nossa alegria de outrora), todos que abandonei e rejeitei juntamente com meus brinquedos e, desde então, nunca mais tornei a eles, senão nesses últimos dias a fim de reunir assuntos para meu discurso. Há muito já se me dissiparam suas advertências, suas leis; e nada me pode acontecer de mais ameaçador, neutralizando minha escrita, do que uma recordação absolutamente deprimente e medonha deles, de onde emanam a aridez, a frieza, o enervamento. Afinal, falar gramaticalmente não é porventura simplesmente não falar latim, se confiamos em Quintiliano¹⁵, o maior dos preceptores? Para os gramáticos dizerem tudo legitimamente,

¹⁰ Prisciano de Cesareia, que viveu entre os séculos V e VI, escreveu dezoito livros de gramática aos quais deu o nome de *Institutiones grammaticae*.

¹¹ Élio Donato, do século IV, escreveu a *Ars grammatica*, em quatro livros.

¹² Lorenzo Valla (1407-1457) dedicou seis livros à gramática: *Elegantiae linguae Latinae*, publicadas pela primeira vez em 1444.

¹³ Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600) publicou *Minerva sive de causis linguae Latinae*, em quatro livros.

¹⁴ O jesuíta português Manuel Álvares (1526-1583) foi o autor da gramática *De institutione grammatica libri tres*, de 1572, que se tornou obrigatória em muitos colégios jesuíticos do mundo.

¹⁵ QUINT. *Inst.* I.6.27. Em *De restauratione linguae Latinae*, Cominius defendia que era preciso fugir da gramática para se falar bem em latim: "Si Latine igitur loqui velimus, grammaticam dimittere ac fugere

o que mais realizam além de fazer o discurso abster-se de barbarismos, de solecismos? Se, porém, toda a glória da latinidade está assentada sobre isso, sequer é latino o próprio Cícero, cujos livros não deixam de ter solecismos, se examinados pelos sofismas dos gramáticos. Tampouco o ignoram, mas o que condenam com veemência em outros, [9] sob novo nome, chamam figuras em Cícero e recomendam fortemente como que luzes convenientes a diversificar o discurso. Na verdade, esforçam-se todos para limitar o idioma do Lácio com leis precisas; quando, então, encontram nos autores latinos muitas estruturas contrárias àquelas leis, recorrem às figuras, aos metaplasmos, às antiptoses, aos arcaísmos, aos helenismos e a outros nomes pomposos, não para defenderem sua fama com o auxílio de tais figuras — eles que não podem ser censurados sem uma expiação —, mas para nos enganarem, para não percebermos que os preceitos da gramática vão de encontro aos próprios escritores nos quais têm origem.

Noutros tempos, era o latim livre como qualquer outra língua: depois de nascido, em Roma, da miscigenação de muitas gentes e ampliado pelo convívio do povo e por uma maneira comum de encarar os fatos, foi finalmente expandido para tamanha riqueza pelo próprio uso e por uma certa maneira de encontrar e juntar palavras, sem um desígnio racional, e consumado por sua própria cadência. Encerrar totalmente essa língua em preceitos é exatamente o mesmo que dissertar sobre a teoria, não sobre a linguagem. O próprio Varrão, de resto, um pesquisador extremamente pedante de analogias, quando finalmente percebeu isso, ensinou que não havia qualquer reparo especial nas palavras semelhantes e que reinava uma única prática entre quase todas elas¹⁶. Como isso devia parecer estranho para nosso caro Álvares, que só a respeito da construção dos substantivos, dos verbos e dos participios compôs quase quinhentas regras, sem deixar de acrescentar muitas observações especiais!

[10] Sem dúvida, ele era um homem muito inteligente, extremamente esforçado e um profundo conhecedor da língua latina, por quem eu renunciaria, sem objeção alguma, a toda esta exposição, se ele defendesse suas regras das invectivas e dos ataques inimigos vindos de todos os lados e as protegesse conservadas e resguardadas de qualquer detrimento. Não direi todas, muitas ou algumas, mas apenas a primeira delas, que comanda as outras, sobre o verbo *amo*. Em primeiro lugar, Manuel, o que você decide sobre o verbo *amo*? Acaso que é ativo e encontra sua família nos ativos? Ausônio, porém, remeteu-o à família dos neutros: *Ut apud Deum fieri amat*¹⁷. E, então, que é da primeira ordem e não pede outro caso a não ser o quarto? Há, porém, quem o faça da segunda, ajuntando-lhe o genitivo: *Nolo Thaidem amare tanti*¹⁸. Assim, quer que seja da primeira e da segunda? Cícero, porém, admite-o na quarta: *Si quicquam me amas*¹⁹. E, ademais, que seja também da quarta? Ele mesmo, porém, lança-o à sexta: *De*

necesse est, quia aliud est, teste Quintiliano, sed ex priscorum Latinorum libris usum et consuetudinem ac etiam diversitatem eorum loquendi observare opus erit; quam consuetudinem grammatica docere non potest." (COMINIUS, 1978, p. 24).

¹⁶ Quintiliano argumentava sobre o assunto, sobretudo, nestas passagens: *Inst.* I.6.1-4; I.6.10-12; I.6.16.

¹⁷ "Assim como costuma agradar diante de Deus": esse trecho está no início do texto *Gratiarum actio ad Gratianum imperatorem pro consulatu*, de Décimo Magno Ausônio. Pela nomenclatura gramatical usada ainda no século XVIII, verbos ativos são os que tomam a forma passiva para se tornarem intransitivos, enquanto os neutros não aceitam as desinências de voz passiva.

¹⁸ "Não quero gostar tanto de Taís": fonte não rastreada. A primeira ordem refere-se aos verbos transitivos, que regem o caso acusativo, aqui chamado de quarto por conta da tradicional ordem das gramáticas: nominativo, genitivo, ablativo, acusativo, dativo. Na mesma lógica, pertencem à segunda ordem os verbos que podem reger o caso genitivo.

¹⁹ *Cic. Att.* 5.17.4: "se tens alguma consideração por mim". Os verbos que eram considerados da quarta ordem podem reger dois objetos acusativos.

*raudusculo multum te amo*²⁰. Que vergonha! Produzimos e vendemos um tratado dessa matéria cujos primeiros fundamentos desmoronam facilmente.

Bem sei que, desde os florescentes tempos de Roma, não eram poucos os empenhadíssimos defensores da analogia, mas nenhum pode ser comparado com esta multidão de nossos gramáticos. Para não deixarem nada intocado, eles vão buscar as causas, as semelhanças e a origem das palavras latinas no princípio do universo e na antiquíssima língua dos hebreus, dispostos a buscá-las ainda mais longe, até mesmo nos árcades, se os árcades tivessem nascido antes da lua, como seus poetas costumavam proclamar. [11] Não ofereço nenhuma novidade a quem tem alguma familiaridade com Martínio²¹, Becmann²² e Vóssio²³. Só com esses? Também com eminentíssimos homens de nossa época que, conforme o costume deste século decadente, há pouco tempo estabeleceram uma controvérsia sobre a origem de não sei que vocábulo, reunindo para um trabalho tão desimportante muitos e intrincados conhecimentos tirados dos códices hebraicos, siríacos, árabes e gregos. E, se estivessem de acordo ao apresentarem esses preceitos, assim como são hábeis para inventá-los, talvez nos teriam enganado algum dia; no entanto é muito oportuno o fato de eles fazerem guerra entre si em todos os pontos e de um golpear o outro mutuamente. Isso é uma prova de que nenhuma certeza há nesta disciplina, formadora de homens insolentes e excessivamente sequiosos de novidades. Com efeito, permanecendo no próprio limiar da gramática, acaso não travam ferrenhos combates os que têm a primazia nesta disciplina, ou chegam ao ridículo de imporem que cada um dos nobres escritores de toda a Antiguidade, como Aristóteles, Platão, Plutarco, Santo Agostinho, combata a seu lado? Pois bem, continuemos.

Como são ambíguas, variadas e contraditórias as determinações de Varrão, Probo, Prisciano, Donato e Quintiliano acerca da origem, da quantidade vocálica e da natureza dos pronomes! Embora eles concordem que os nomes com casos foram dados conforme sua função, Escalígero²⁴ não afirma o contrário? Valla repreende Prisciano, por este ter colocado *ficus*, a doença (“hemorroida”), [12] na quarta declinação; Pedro Ramos, por sua vez, pega em armas contra Valla, por ter flexionado *ficus*, o fruto (“figo”), no gênero masculino. Escalígero acredita que é péssimo o gênero neutro ser chamado de *ἐπίκοινον* (“comum”) pelos gregos, mas ótimo ser chamado de *promiscuum*

²⁰ CIC. Att. 7.2.7: "quanto à moeda numeriana, muito te amo". Os verbos que eram considerados da sexta ordem podem reger, além do caso acusativo, um objeto construído com a preposição "de" e o ablativo.

²¹ Matias Martínio (1572-1596) era dono da cátedra de gramática latina em Herborn (na atual Alemanha). Entre seus escritos teológicos, que são maioria em sua obra, figura um tratado que obteve enorme fama e foi divulgado para vários cantos da Europa: *Lexicon philologicum, praecipue etymologicum, in quo Latinae et a Latinis auctoribus usurpatae, tum purae, tum barbarae voces ex originibus declarantur*. Quase certamente, Facciolati refere-se a tal obra, publicada pela primeira vez em 1623.

²² João Cristóforo Becmann (1641-1717) foi um historiador e geógrafo que se dedicou a escrever uma história geográfica de todo o mundo e de todos os povos, *Historia orbis terrarum geographica et civilis*, publicada, pela primeira vez, em 1673. Facciolati, provavelmente, refere-se às especulações do autor na parte de seu tratado sobre todas as línguas conhecidas até aquele momento.

²³ A obra completa de Geraldo João Vóssio (1577-1649) foi recolhida, em 1701, em seis tomos: o segundo contém dois tratados de gramática, um intitulado *Aristarchus sive de arte grammatica* (publicado, pela primeira vez, em 1630) e outro, *De vitii sermonis* (publicado, pela primeira vez, em 1645). É mais do que provável que Facciolati esteja se referindo ao *Aristarchus*.

²⁴ Júlio César Escalígero (1484-1558) está entre aqueles estudiosos que fortemente defenderam o "ciceronianismo" mais puro, a ponto de considerar errada toda e qualquer palavra ou estrutura que não tivesse sido usada por Cícero em algum de seus discursos. Aqui, Facciolati parece aludir aos livros *De causis linguae Latinae*, em que Escalígero procurou entender a lógica filosófica que existiria na base da gramática latina.

("indistinto") pelos romanos; Sánchez²⁵ condena os romanos, absolve os gregos. Álvares diz que *decet, paenitet, pluit* e outros verbos semelhantes são impessoais; Ciópio²⁶ afirma, invocando o testemunho de deuses e homens, não haver verbos impessoais. Se alguém estabelece que são quatro os modos verbais, surge quem introduza cinco, seis, oito ou muitos mais. Há quem aprove os gerúndios e os supinos; não falta quem diga não passarem de delírios dos gramáticos. Uns concedem o pretérito aos verbos terminados em *or*; outros o suprimem. Alguns gostam dos verbos neutros e depoentes; alguns ordenam que sejam banidos do Lácio inteiro. Enfim, nessa enorme multidão de escritores, você não encontrará nenhum que prefira seguir os passos de outros a traçar novos caminhos e injuriar todos os demais. Não quero agora levar vocês, senhores ouvintes, por cada uma das divisões, expondo todas as controvérsias sobre a ortografia, a prosódia, a etimologia e a sintaxe, para que não pareça abusar demais de meu importante encargo, desta ocasião e da paciência de vocês. Se tiverem tempo, passem os olhos no que os estudiosos costumam apor a seus livros em longuíssimos prefácios, nos quais intimam quem antes escreveu uma gramática, caracterizando, com absoluta audácia, as lucubrações deles como incorretas, banais, desprezíveis, cloacais — permitam-me usar o termo de Ciópio — [13] e prometem, como que descidos da morada dos deuses imortais, apresentar um excelente material.

Assim, como cada um deles todos repete a mesma ladainha, para onde se voltarão os pobres adolescentes? A quem recorrerão para conduzi-los, por assim dizer, e instruí-los pela autêntica latinidade? A Varrão? Mas Palémon²⁷ o chama de um porco literato. A Prisciano? Mas Álvares o julga o grego que tornou a língua latina obscura. A Valla? Mas Ramírez de Prado considera as *Elegâncias* deselegantes. A Donato, Probo, Sérvio ou Carísio? Mas Ciópio sustenta que todos eles cometem deslizes a todo momento e espalham monstruosidades. Ao próprio Ciópio, por fim? Mas ele é considerado por Hórnio um gramático deplorável, por Labbé um homem tão inconstante quanto um cavaleiro acrobata, por Lambeck um cão gramático. Senhores ouvintes, vocês revoltam-se com tais fatos, mas acreditem que, ou por um vício da disciplina ou, de alguma forma, por seu destino, comumente acontece de os gramáticos não conseguirem fazer suas exposições sem censurarem as alheias nem censurar as alheias sem passarem da medida. Como foram deploráveis, vergonhosas e beirando a insanidade as rivalidades de Poggio com Valla, de Poliziano com Merula, de Escalígero com Erasmo, que disputavam sobre esses assuntos tão insignificantes como se disputassem sobre religião! Como foram ridículas as dissensões entre Francisco Filelfo e um certo grego Timoteu, que, querendo disputar sobre as quantidades das sílabas, marcharam para o combate depois de acordarem que o vencido seria condenado a cortar

²⁵ Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600) foi um espanhol que teve grande importância para a reforma dos estudos clássicos na Espanha de sua época. Ficou conhecido, sobretudo, por sua obra intitulada *Minerva sive de causis linguae latinae*, publicada, pela primeira vez, em 1587.

²⁶ Gaspar Ciópio (1576-1649), um humanista alemão, ficou muito conhecido por sua *Grammatica philosophica*, publicada em Milão no ano de 1628. Com ela, o autor tentava encontrar explicações de cunho filosófico para toda a gramática latina, explicando desde os nomes dos casos até, por exemplo, o motivo pelo qual uns verbos eram ativos e outros, depoentes.

²⁷ Quinto Rêmio Palémon Vicetino, pelo que dizem, primeiro aprendeu a tecelagem, ainda escravo de uma mulher, depois aprendeu a ler e escrever quando acompanhava o filho de seu senhor até a escola. Já liberto, ensinou em Roma e tinha o lugar de mais prestígio entre os gramáticos, a despeito da fama de possuir todos os vícios e de, abertamente, tanto Tibério quanto Cláudio advertirem que seria preferível confiar a formação de jovens e crianças a qualquer outro. Arrebatava, no entanto, as pessoas por conta de sua memória e, ainda mais, pela facilidade com que falava. E também compunha poemas de improviso, escrevendo com métrica variada e nada banal. Era de tanta arrogância, que chamou Marco Varrão de porco [...]." (SUET. *Gram.* 3).

a barba! Mas que grandes bobagens levadas a cabo com tão grande empenho! Infelizes vocês que, como se consultassem o trípode, buscam as respostas deles para entender a língua latina! [14] Quanta aflição, quanta desgraça ofuscará vocês pelas tais gramáticas filosóficas, de Minerva, de Aristarco, de Mercúrio, do Tesouro, as quais são apuradas e admiravelmente pensadas para a erudição filológica; no entanto em quase nada para a prática de falar latim.

É absolutamente distinta a língua latina — franca, clara, livre de embaraços ou ambiguidades. E não foi com aqueles homens belicosos que se conseguiu essa língua. Na verdade, não entendo nem mesmo como tornam confiáveis seus escritos, já que eles próprios não são capazes de cumprir suas prescrições. Temos notícia de que Policeto, o melhor escultor de toda a Grécia, não publicou o célebre Cânone da arte da boa escultura antes de confirmá-lo, expondo publicamente uma estátua, e de ele próprio cumprir brilhantemente suas regras. Coloquem-se à prova os gramáticos e eu confessarei com o maior prazer que a capacidade de falar latim deve ser crivada pelos preceitos deles como se fossem um cânone, mas certamente se pode afirmar sobre os gramáticos o mesmo que Cícero atribuiu a Carnéades²⁸: ele defendia que não existira nenhum teórico de oratória expressivo, nem mesmo medianamente; nós defenderíamos que até o momento ninguém soube a fundo a arte de falar latim, nem mesmo medianamente, dentre aqueles que a ensinavam. Não cabe nesta ocasião, neste lugar e, muito menos, em minhas forças mencionar os defeitos de cada um deles; no entanto, para que eu não pareça expô-los por inveja gratuita, venham à cena, por um lado, [15] Terêncio Varrão — o príncipe dos gramáticos antigos — e, por outro, Júlio Escalígero — sem dúvida, o príncipe dos gramáticos contemporâneos. O primeiro, nascido na época áurea por graça dos deuses, foi coetâneo e amigo de Cícero, mas escrevia com um estilo que o fazia parecer saído do berço da língua latina junto com Lívio Andronico; aquele outro, por consenso geral, cede o primeiro lugar a seu filho José, cujos estrangeirismos, barbarismos e solecismos Ciópio reuniu — e não foi um só, nem insignificante — e confiou à posteridade em seu livro *Do estilo histórico*.

Como disse anteriormente, contudo, não creio que a virtude da língua latina, nem total nem principalmente, consista em evitarem-se os solecismos, o que seria falar sem erros, mas acredito, antes, que esteja na própria composição das palavras, rica e polida, de tal forma constituída e ornada, que nada manqueje, nada afrouxe, nada vacile, e que o discurso seja conduzido bem moderadamente ritmado, uniforme e constante, que é a única maneira, se eu acerto, de falar latim. Esse período ritmado e harmonioso não pode ser definido por nenhuma disciplina nem ser encerrado em nenhum preceito gramático. Seu maior defeito acontece quando as pessoas se empenham deliberadamente em demandar períodos afetados segundo certas leis. Tal harmonia ritmada reside inteiramente nos ouvidos de cada um e deve ser julgada por essa mesma percepção, o que talvez não tenha sido muito difícil de cumprir outrora, quando se ouvia e falava apenas latim²⁹. Já em nossa época, a não ser que nos dediquemos totalmente aos escritos latinos e passemos dias e noites lendo e imitando-os, [16] teremos um julgamento sempre insensato e jamais faremos algo aceitável em latim. Disso provêm, em toda parte, discursos insípidos, nos quais o cuidado com a gramática é tão aparente, que se tornam estéreis, frouxos e lacunares, sem ritmo, sem ornamentos e sem encanto.

²⁸ Referência a Cic. *de Orat.* 1.91. Vale ressaltar, no entanto, que, em Cícero, Antônio atribuiu esse pensamento a certo *Menedemus*. É provável que Facciolati tenha se enganado ao tirar essa passagem da memória, afirmando que o fato referia-se a Carnéades.

²⁹ Aqui, Facciolati está fazendo uma paráfrase livre de vários trechos do *de Oratore* (3.150 ou 3.183, por exemplo) e, mais de perto, do *Orator* 162. Nessas passagens, Cícero procura mostrar como os ouvidos habituados a uma boa linguagem são os melhores juizes de um discurso.

Eles, porém, devem ser elogiados pelo pobre ouvinte porque este não consegue separar os barbarismos e os solecismos das regras gramaticais. Que loucura a sua, Marco Túlio, por considerar que a elegância da língua — embora tivesse os livros gramáticos de Varrão — deveria ser tirada da leitura constante de Catão, Plauto e, sobretudo, Terêncio! Quanta futilidade, Demóstenes, ter lido muitas vezes as histórias de Tucídides e, ainda, tê-las transcrito oito vezes! Sobrava-lhe tanto tempo livre do fórum e da Cúria, que não preferia confiar-se a um gramático de quem você obtivesse mais rapidamente a elegância do dialeto ático? É isso mesmo, senhores ouvintes? Que eu morra, se algum destes nossos contemporâneos que se professam ciceronianos transcreveu uma vez e leu oito vezes um único discurso de Cícero. Em suma, ou Cícero, que dominava o sistema do latim, e Demóstenes, que dominava o sistema do grego, não discerniam bem, ou nós, nas aulas de gramática, trabalhamos em vão, fazendo o contrário do que se deve. Adeus aos Priscianos, adeus aos Sérvios, adeus aos Donatos; talvez os consultemos apenas para podermos responder à pergunta de algum Pompônio Marcelo sobre o solecismo.

Enfim, para que meu discurso [17] tenha uma conclusão de todo esse raciocínio, um adolescente confiado a meus ensinamentos conhecerá que há uma língua, dita latina, mãe da italiana e, em grande parte, semelhante a esta. Deve ele conhecer os substantivos e os verbos, cujas construções são determinadas por algumas regras, que serão antes de mais nada aprendidas de cor; deve ele fixar na mente o essencial da sintaxe, que conhecerá tão bem quanto a suas unhas e seus dedos; deve ele demorar-se um pouco mais na prosódia, já que a arte de compor poemas é mais restrita e limitada que a de escrever em prosa; finalmente, devem vocês ministrar um pouco de etimologia e ortografia, mas o jovem, lançando fora os gramáticos, deve persuadir-se de que a gramática nasceu do latim, e não o latim da gramática. E, então, que mais? Seguramente, deve ele beber a água da própria fonte, ou seja, transformar o conhecimento dos autores latinos em carne e sangue, persistindo sempre nos exercícios de leitura e escrita, dos quais surge um célebre encadeamento do discurso, uns célebres e brilhantes períodos, que estão acima da capacidade dos gramáticos e podem ser julgados por ouvidos longamente disciplinados e exercitados, mas não explicados em palavras. Somente isso é árduo e difícil nesta palestra: exige tanto um talento nobre e certa disposição de hábitos semelhante ao talento, quanto empenho, que, sozinho, vale muito pouco nesta disciplina, mas, aliado a outros amparos naturais, [18] pode produzir aquele modo ciceroniano de falar tão energicamente recomendado. Evidentemente, é em vão que buscamos isso em homens nascidos sob astros pouco favoráveis ou não tão cultos. Eles, assim como compõem muitos poemas excelentes, talvez não façam nenhum discurso digno de ser dito latino, cuja melodia rítmica é definida apenas pela percepção dos ouvidos.

Por isso, meus jovens italianos, vocês que, além de tudo, são educados na região mais nobre da Itália e mais conveniente para se alimentar a inteligência, continuem este currículo com zelo, a fim de que deem continuidade à glória de seus antepassados. A respeito da virtude bélica dos italianos, não ousaria decerto a me pronunciar, mas sem dúvida as letras, pelo menos, não perdemos. Todos os dias, homens muito astuciosos e cheios de dinheiro vêm até nós e arrebatam as ilustríssimas ferramentas das Musas, nossas melhores obras, e estão prestes a levar, gradativamente, a outras terras também as ciências e os conhecimentos, a não ser que vocês resistam com amor e empenho³⁰. A fama e o esplendor de nossa pátria, são vocês que devem tirar de tão grande perigo! Tão

³⁰ É clara a alusão ao texto de Lorenzo Valla, *In sex libros Elegantiarum praefatio*: "[...] quousque, inquam, Quirites, urbem nostram, non dico domicilium imperii, sed parentem litterarum, a Gallis captam esse patiemini? Id est Latinitatem a barbaria oppressam?" (GARIN, 1952, p. 600).

dolorosa calamidade, são vocês que devem afastar desta nossa terra, desta sua terra, para todos entenderem que, se puderam tirar o império romano dos italianos, não podem tirar as letras latinas. Deitam os olhos sobre vocês, exortando e estimulando, seus pais em nome da dignidade da família, seus concidadãos em nome da glória da cidade, seus mestres em nome da fama da escola e, sobretudo, o eminentíssimo bispo em nome do interesse da religião, [19] que é absolutamente conjunto com o das letras.

Ao leitor

Quando proferi este discurso, não faltou quem acreditasse que eu tramava alguma novidade e pensava em mudar os estudos de gramática neste instituto. Isso me obrigou a publicar o próprio discurso e revelar minhas razões e motivações. Acontece que nem eu tenho tanto poder, nem gostaria, ainda que o pudesse, de mudar o que quer que fosse nas condições de nosso instituto. Na realidade, quase todos os alunos que chegam aqui já tiveram contato com a gramática, e não é proveitoso mandá-los de volta para a largada depois de já terem completado uma parte da corrida, [20] propondo um novo caminho. Além disso, nada jamais terá tanto valor para mim, a ponto de poder me desviar do habitual método que os diligentes padres da Sociedade mantêm em toda parte sob o comando de Manuel Álvares. Já que estudiosos de inteligência tão perspicaz, depois de examinarem todas as formas sistemáticas de se ensinar a juventude, estabeleceram essa — que a Itália inteira acolheu —, por que nós, de forças tão débeis, tentaríamos algo novo? Bastará que sigamos de perto esses sapientíssimos líderes com o empenho e a astúcia que pudermos, desistindo de encontrar melhores métodos depois de tantas e tamanhas tentativas. "Que é, então", alguém diria, "que você pretende com esse seu discursinho sobre os gramáticos?". Eu nada disse a não ser para exercitar meu estilo! Agora, se há nisso algum pecado, por que não pecaram também aqueles que louvaram a injustiça, a mosca, a febre quartã e o burro³¹? Claro que, no ambiente civil, vituperar e elogiar não significam o mesmo, mas, nos exercícios acadêmicos, têm absolutamente o mesmo valor. Se, porém, fazendo isso, convenci alguém [21] — ou pareço ter convencido — de que não se deve aprender latim pelos infinitos preceitos gramáticos, mas pela leitura e pela imitação dos livros antigos, não quero, por assim dizer, abandoná-lo no meio do campo de batalha. Por isso, acrescento ao discurso um conspecto dos escritores latinos, para entenderem facilmente, em cada uma das categorias, quem são os melhores de se ler e imitar³². Ora, como são duas as divisões mais conhecidas, das quais uma é derivada das quatro idades do homem e a outra, das ordens dos metais, não querendo entediar o leitor com a imensa exposição de todas as controvérsias dos gramáticos a tal respeito, julguei melhor para a primeira divisão seguir basicamente André Borrício e, para a segunda, Olavo, ambos homens ilustríssimos. Por outro lado, prefiro que você mesmo, leitor, considere se produzi algum efeito além do trabalho de transcrição. Para quem fiz isso? Certamente, não para aqueles a quem basta ler os proêmios dos livros e que, nas ruas ou encruzilhadas, debatem o assunto de sobancelha levantada; mas apenas para aqueles que leem com paciência, [22] julgam com sabedoria e aconselham com cortesia. Se eu alcançar algum destes últimos, não me preocuparei com o grasnar das gralhas. Adeus.

³¹ Alusão a famosos exercícios de retórica, como o *MYIAΣ ETKΩMION*, de Luciano de Samósata.

³² Trata-se do "Commentariolum de ortu, interitu, et instauratione linguae Latinae, ac de ejus scriptoribus ad saeculum usque XVII".

REFERÊNCIAS

ARTICOLO VIII. *Giornale de' letterati d'Italia: tomo decimosesto*. Veneza: apud Ioannem Gabbriellum, 1713, p. 366-194.

BOLISANI, E. L'oratio ad grammaticam del Facciolati e l'insegnamento del latino in Padova ai suoi tempi. *Memorie della Accademia Patavina di SS. LL. AA.: Classe di Scienze Morali, Lettere ed Arti*, Pádua, Società Cooperativa Tipografica, v. 70, p. 3-26, 1958.

BOLISANI, E. Padova negli scritti del Facciolati. *Padova: rassegna mensile a cura della "Pro Padova"*, Pádua, n. 10, p. 3-11, out. 1957.

COMINIUS, G. H. *De restauratione linguae Latinae libri III*. Ed. C. Matheussen. Leipzig: Teubner, 1978.

CRENIUS, T. *Consilia et methodi aureae studiorum optime instituendorum, praescripta studiose juventuti a maximis in re litteraria viris*. Roterdã: apud Petrum vander Slaart, 1792.

FABRONIUS, A. *Vitae itaolorum doctrina excellentium qui saeculis XVII et XVIII floruerunt*. Pisa: Aloysius Raphaellius, 1785.

FACCIOLATUS, I. *Orationes et alia ad dicendi artem pertinentia*. Leipzig: apud Petrum Conrad. Monath, 1751.

FERRARI, J. B. *Vitae virorum illustrium Seminarii Patavini*. Pádua: Typis Seminarii, 1815.

GAMBA, B. *Galleria dei letterati ed artisti piú illustri delle provincie austro-venete che fiorirono nel secolo XVIII*. Veneza: Tipografia di Alvisopoli, 1882.

GARIN, E. *Prosatori latini del Quattrocento*. Milão, Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1952.

GENNARI, G. *Vita di Jacopo Facciolati*. Pádua: Tipografia del Seminario, 1818.

MURETI, M. A. *Scripta selecta*. Leipzig: B. G. Teubner, 1871.

POSSELIUS, I. *De ratione discendae ac docendar linguae Latinae et Graecae oratio*. Londres: apud M. Zachariam Palthenium, 1671.

VEDOVA, G. *Biografia degli scrittori padovani*. Pádua: Tipi della Minerva, 1832.

VIVES, L. *De disciplinis libri XX*. Lyon: apud Ioannem Frelonium, 1551.

WALCHIUS, I. G. *Historia critica Latinae linguae*. Leipzig: Io. Friderici Gleditschii B., 1729.

Data de envio: 21-09-2017

Data de aprovação: 10-11-2017

Data de publicação: 22-12-2017